

METALOMECÂNICA

A INOVAÇÃO ENERGÉTICA

E A COMPETITIVIDADE SETORIAL

MEDIA PARTNER



Nota Editorial

Transformar desafios em oportunidades: O futuro sustentável do setor metalomecânico em Portugal

O setor metalomecânico, essencial para a transformação de metais em produtos como máquinas, veículos e equipamentos, é um dos pilares da economia global. Em Portugal, este setor destaca-se como um dos maiores exportadores, contribuindo significativamente para a economia nacional. No entanto, enfrenta desafios e oportunidades que moldarão seu futuro.

A guerra comercial, marcada pela imposição de tarifas entre grandes economias como EUA e China, tem gerado incertezas no mercado global. As tarifas aumentam os custos de importação e exportação, afetando diretamente a competitividade das empresas metalomecânicas. A retaliação tarifária pode levar a uma desaceleração económica, adiando investimentos. Para mitigar esses riscos, é crucial que as empresas diversifiquem seus mercados e procurem parcerias estratégicas.

A descarbonização e a economia circular representam oportunidades significativas para o setor metalomecânico. A descarbonização, que envolve a redução das emissões de carbono, é essencial para combater as mudanças climáticas e promover um ambiente mais sustentável. No setor metalomecânico, a transição para fontes de energia mais limpas, como a solar, não só reduz a pegada de carbono, mas também melhora a eficiência energética e reduz os custos operacionais a longo prazo. Além disso, a adoção de tecnologias mais limpas pode abrir novos mercados e atrair investimentos, fortalecendo a competitividade das empresas.

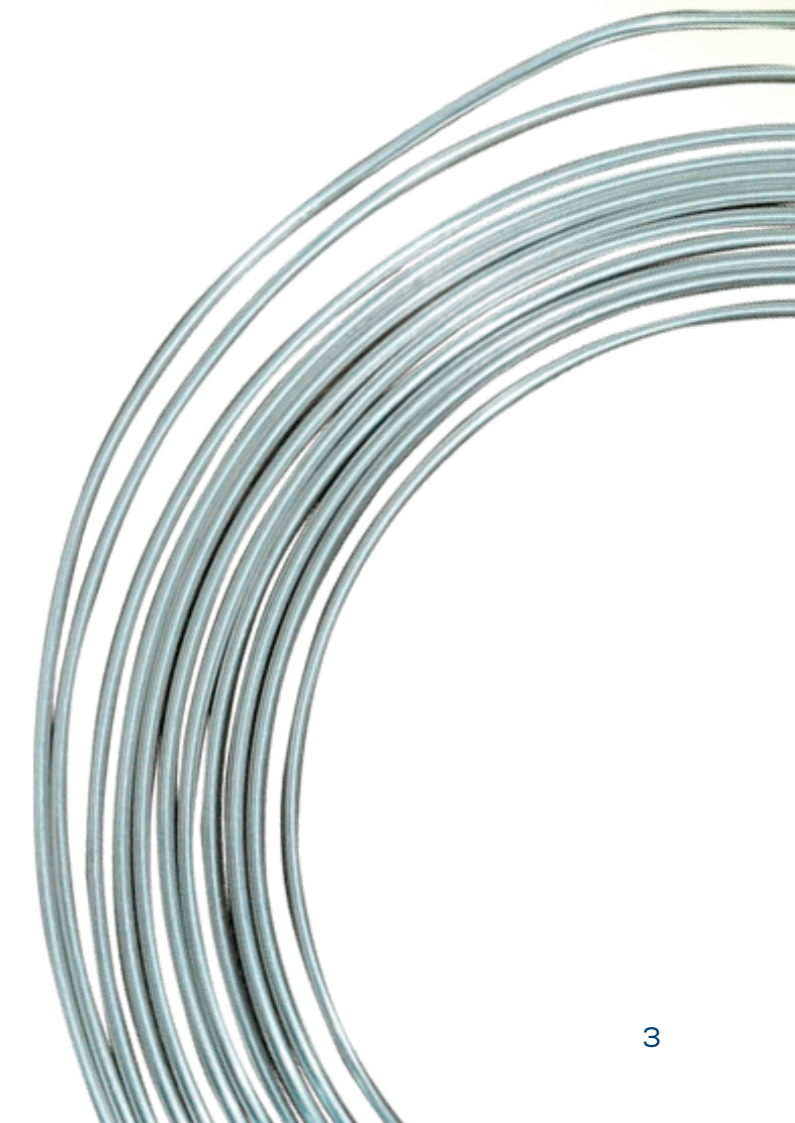
Por outro lado, a economia circular propõe um modelo onde os produtos e materiais são reutilizados e reciclados, minimizando o desperdício. Para o setor metalomecânico, isso significa desenvolver produtos que possam ser facilmente desmontados e reaproveitados. Este modelo não só conserva recursos naturais, mas também reduz a poluição e os custos de produção. A adoção da economia circular pode impulsionar a inovação e criar oportunidades de negócios, além de contribuir para a sustentabilidade ambiental. Empresas que adotam práticas de economia circular podem diferenciar-se no mercado, oferecendo produtos mais sustentáveis e atraindo consumidores conscientes.

É hora de agir com visão e determinação, transformando desafios em motores de crescimento e sustentabilidade.



Índice

- 04 Como está o setor metalúrgico em Portugal
- 06 A ameaça das tarifas
- 08 Taxonomia: leveling the playing field
- 12 O Gigante adormecido
- 14 Descarbonização na indústria metalúrgica



Como está o setor metalúrgico em Portugal

Segundo um estudo realizado pela Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal (AIMMAP) e a EY-Parthenon, o Setor Metalúrgico e Metalomecânico continua a afirmar-se como um pilar estrutural da economia nacional, impulsionando o crescimento e consolidando-se como o principal motor da geração de riqueza e das exportações em Portugal.

A nível global, a **metalurgia e metalomecânica** assume um protagonismo determinante em múltiplos elos críticos da cadeia de valor industrial, desde a metalurgia de base até à produção de bens de equipamento, abrangendo materiais de transporte, produtos metálicos, equipamentos elétricos e máquinas não elétricas. O seu impacto é expressivo, representando cerca de 6% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) mundial e aproximadamente 12% do VAB europeu.


29% indústria transformadora

6% total da economia nacional

Em Portugal, o **Setor Metalúrgico e Metalomecânico** destaca-se como um **motor de crescimento**, agregando mais de 23 mil empresas e empregando cerca de 250 mil pessoas. Com um volume de faturação anual de 35 mil milhões de euros, a riqueza gerada pelo setor ronda os 9 mil milhões de euros. Além disso, caracteriza-se por um elevado nível de investimento, correspondendo a cerca de 29% da indústria transformadora e 6% do total da economia nacional, reforçando a sua importância para a sustentabilidade do crescimento económico.

 + **23** mil empresas

 ≈ **250** mil pessoas

 ≈ **35** mil milhões € faturação anual



Empresas
23 mil
(34% da IT)

Pessoal ao Serviço
246 mil
(34% da IT)

Volume de Negócios
34,6 mM€
(34% da IT)

Geração de Riqueza (VAB)
8,7 mM€
(35% da IT)

Investimento
1,3 mM€
(29% da IT)

Exportações
19,5 mM€*
(40% da IT)

Subsetor da Metalurgia de Base

Subsetor da Mobilidade e Material de Transporte

Subsetor das Peças Técnicas e Componentes

Subsetor dos Produtos Metálicos e Equipamentos Elétricos

Subsetor das Máquinas, Equipamentos e Tecnologias de Produção

Em 2024, as exportações do setor recuaram 2,4%, para 23.492 milhões de euros, após terem batido um recorde de 24.017 milhões de euros no ano anterior.

Tendo por base um inquérito realizado junto dos seus associados, a Associação dos Industriais Metalúrgicos, antecipa um 2025 "bem mais positivo, já no primeiro trimestre. **Mais de 55% das empresas inquiridas preveem um aumento de faturação ao longo do ano de 2025 e 81% "não acredita que a sua faturação possa cair ao longo do ano, aumentando ou mantendo-se constante".**

* Fonte: INE, Eurostat

A ameaça das tarifas

A associação europeia da indústria do aço, Eurofer, estima que a aplicação de novas taxas pelos EUA resultará numa perda de 3,7 milhões de toneladas em exportações.



perdas estimadas:

3,7 milhões de toneladas em exportações



Atualmente, os EUA representam o segundo maior mercado para os fabricantes europeus, absorvendo 16% das exportações de aço da União Europeia (UE).



No setor do alumínio, a European Aluminium, associação que representa os produtores do metal, calcula que as exportações europeias de derivados para os EUA, entre janeiro e novembro de 2024, alcancem 309 mil toneladas, o equivalente a 2,4 mil milhões de euros. Face a este cenário, ambas as associações apelam à Comissão Europeia para que adote sete medidas que impeçam o mercado europeu de ser ainda mais impactado pela produção excedente de outros países, resultante do bloqueio do mercado norte-americano.

Em Portugal, a indústria acompanha o tema com expectativa, uma vez que o impacto será maior caso as taxas incluam produtos transformados industrialmente.



“O pior cenário, que envolveria taxas sobre alumínio e aço, está para já afastado, uma vez que as restrições se aplicam sobretudo a matérias-primas e alguns produtos acabados, como estruturas metálicas e trefilaria. Ainda assim, estamos a falar de 20% das nossas exportações para os EUA”.

afirma Rafael Campos Pereira, vice-presidente da AIMMAP, em declarações ao Expresso. Em causa estão cerca de 190 milhões de euros.

Taxonomia: leveling the playing field

O setor metalomecânico apresenta uma pegada ambiental significativa, com altas emissões de carbono e um consumo intensivo de energia. O alinhamento do setor com os objetivos globais de sustentabilidade depende de um padrão objetivo – uma taxonomia – para orientar investimentos e garantir que a transição para a sustentabilidade é financeiramente viável. Sustentabilidade tem significados diferentes para diferentes pessoas. Por exemplo, uma fábrica que adota processos mais eficientes pode ser vista como ambientalmente responsável num índice enquanto outra avaliação pode classificá-la como poluente devido ao elevado consumo energético nos processos de fundição ou tratamento térmico. A falta de clareza dificulta a tomada de decisões por investidores, clientes e outros stakeholders, deixa espaço para greenwashing e penaliza a verdadeira inovação sustentável, tornando-a mais cara e menos competitiva.

No contexto da UE, o Regulamento Taxonomia, de forma pioneira, estabelece os requisitos para que uma atividade seja qualificada como sustentável do ponto de vista ambiental. Embora o objetivo central do Regulamento seja a canalização dos fluxos de capital para investimentos sustentáveis, também vincula as empresas não financeira que devam fazer um reporte de sustentabilidade a divulgar qual a proporção do seu volume de negócio resultante de produtos ou serviços associados a atividades económicas sustentáveis, bem como a proporção das suas despesas relacionada com ativos ou processos associados a atividades económicas sustentáveis. O Regulamento pretende também incentivar as empresas que não estejam legalmente obrigadas a fazer um reporte de sustentabilidade a, voluntariamente, divulgarem informação sobre a forma como estão alinhadas com a taxonomia. Embora a taxonomia não se traduza num dever de agir, ou seja, numa obrigação de as empresas se tornarem sustentáveis, a verdade é que incentiva e promove esse caminho porque, hoje em dia, a qualificação de uma atividade como sustentável está longe de ser neutra. Apresenta impactos significativos não apenas do prisma da reputação e posicionamento no mercado, mas também financeiros. Efetivamente, a qualificação como sustentável facilita aos operadores económicos a obtenção de financiamento para essas atividades.

Na UE, a sustentabilidade do prisma ambiental implica que uma atividade contribua substancialmente para pelo menos um de seis objetivos ambientais: mitigação das mudanças climáticas; adaptação às mudanças climáticas; uso sustentável e proteção da água e dos recursos marinhos; transição para uma economia circular; prevenção e controlo da poluição; proteção e restauração da biodiversidade e ecossistemas. Por outro lado, a atividade não pode causar prejuízo significativo a nenhum dos outros objetivos ambientais (do no significant harm) e deve, ainda, desenvolver-se em conformidade com salvaguardas sociais mínimas. O objetivo deste último critério é evitar que se considerem “sustentáveis” atividades ligadas a violação de princípios sociais, direitos humanos e laborais ou que não sejam conformes com as normas mínimas de uma conduta empresarial responsável (que se deve pautar, nomeadamente, pelas Diretrizes da OCDE para as Empresas Multinacionais ou pelos Princípios Orientadores da ONU sobre Empresas e Direitos Humanos).

No entanto, esta Taxonomia está limitada à UE, não existindo ainda um consenso generalizado sobre os critérios mínimos para a qualificação de uma atividade como sustentável. Um estudo do Instituto Alemão de Investigação Económica contabiliza 26 taxonomias de investimento sustentável em processo de desenvolvimento ou que já foram adotadas. Torna-se, pois, inevitável o surgimento de discrepâncias entre as várias taxonomias. Talvez o único caminho capaz de assegurar consistência e aplicabilidade geral seja o estabelecimento de uma taxonomia global, desenvolvida ou apoiada por órgãos internacionais, como a ONU.



O Gigante adormecido?

De acordo com os últimos números da AICEP¹, o setor da metalomecânica em Portugal representa 32% do total de exportações e emprega mais de 200.000 trabalhadores. São quase 15.000 empresas a gerar valor económico na ordem dos 25 mil milhões de euros em cerca de 200 mercados internacionais. É um setor que aposta na investigação e desenvolvimento, na tecnologia e na inovação em produto e processo, com padrões de qualidade elevados, o que lhe confere uma adaptabilidade e capacidade de enfrentar desafios como poucos.

Estamos a atravessar um período de elevada incerteza, fruto de tensões geopolíticas e objetivos comuns relevantes – como a descarbonização e a transição energética – às quais o setor não é alheio. É por isso importante continuar a apostar em estratégias de diferenciação, que permitam uma reinvenção continuada, garantindo a sua resiliência. Mas neste contexto há outras disrupções que podem ser ameaças ou oportunidades. De acordo com o último relatório da UNEP², a extração de minerais metálicos triplicou desde o início da década, uma tendência que irá continuar. Além da pressão sobre o preço, estes materiais carregam uma pesada herança ambiental e social: são a principal categoria de conflito ambiental, representam 8% das emissões de GEE, 13% da poluição atmosférica, além do seu impacto na conversão de solos e perda de biodiversidade – tudo custos transferidos para a sociedade (e contribuintes).

Enquanto importador de matéria-prima, é importante dar resposta a estes riscos. Entra em cena a economia circular, presente no Green Deal, e uma aposta da Comissão Europeia para fazer frente a riscos à sua indústria, conjugados com a redução de impactes ambientais³. E aqui podemos fazer a diferença face a outros competidores. Primeiro, o tema não é estranho ao setor: as associações e centros tecnológicos, como a AIMAPP ou o CATIM, têm vindo a apostar na reutilização e reciclagem. Mas, falta ainda um “toque de alvorada”, que una estes esforços e que desenvolva novos, para posicionar Portugal como a “casa da economia circular na Europa” no que à metalomecânica diz respeito.



Exemplos não faltam: é conhecido o caso da recuperação de 50 carruagens pelas oficinas de Guifões da CP – adquiridas por 1,5 Milhões de euros, a sua modernização e atualização ficou ao preço de 200 mil euros por carruagem. Novas, custariam 1 a 1,5 milhões de euros. Junte-se as externalidades evitadas (transporte, emissões, impactos de extração de metais) e os efeitos positivos acumulam-se. Isto além dos fatores multiplicadores para a economia, uma vez que foi dada primazia a soluções nacionais. A este exemplo juntam-se outros na aviação ou na defesa – como a Base Aérea N.º 5, que adquiriu F-16 que reapetrechou, remodelou e colocou novamente em serviço. Porventura, não será por acaso que a Lufthansa escolheu Portugal para investir numa fábrica de reparação de peças de motores e componentes.

Mas há outras oportunidades: por exemplo, Portugal não tem um único estaleiro listado pela Comissão para a reciclagem de navios⁴ – o que poderia representar um influxo de matéria-prima e oportunidades de remanufatura de componentes e equipamentos.

Para despertar este gigante, é crucial colocar o setor no mapa da economia circular da Europa, aproveitando a competência técnica dos trabalhadores e a inovação nacional. Este é um convite à ação para empresas, associações, centros tecnológicos e governo, para que se continue a garantir um futuro sustentável e próspero para a metalomecânica portuguesa.



¹ Portugalglobal nº183, Fevereiro 2025

² UNEP (2024) Global Resources Outlook

³ Political Guidelines for the Next European Commission 2024-2029

⁴ Decisão de Execução (UE) 2024/1956 da Comissão

Descarbonização na indústria metalúrgica e metalomecânica

Um passo estratégico para a sustentabilidade e eficiência



O Plano Estratégico e de Ação para o Setor Metalúrgico e Metalomecânico 2030 (Metal 2030), desenvolvido pela Associação dos Industriais Metalúrgicos, Metalomecânicos e Afins de Portugal (AIMMAP), identifica a descarbonização como um dos pilares estratégicos para o futuro do setor. Dentro deste eixo, foram definidas cinco estratégias essenciais para impulsionar a descarbonização do setor. A primeira passa pela **melhoria da eficiência energética das indústrias**, através da modernização de infraestruturas e tecnologias produtivas, seja com a aquisição de novos equipamentos ou a renovação de componentes específicos.

Em paralelo, a **adoção de fontes de energia renováveis e combustíveis alternativos limpos** surge como uma prioridade para reduzir a dependência de fontes fósseis. A **eletrificação de processos produtivos**, sempre que tecnicamente viável, representa outra frente crucial para aumentar a eficiência e diminuir as emissões. Além disso, a **incorporação de processos e tecnologias de baixo carbono** permitirá tornar a produção mais sustentável. Por fim, a **implementação de sistemas avançados de monitorização e gestão de consumos energéticos**, aliada ao potencial da digitalização e automação, será fundamental para otimizar recursos e reforçar a competitividade do setor.



Eficiência Energética



Fontes de energia renovável



Eletrificação de processos produtivos



Incorporação de processos e tecnologias de baixo carbono



Monitorização e gestão de energia

Uma visão integrada

A descarbonização do setor metalúrgico e metalomecânico exige uma abordagem integrada, combinando várias estratégias que, em conjunto, reduzem as emissões e aumentam a eficiência dos processos produtivos. A primeira etapa passa pela **melhoria da eficiência energética**, que permite reduzir desperdícios, diminuir custos operacionais e otimizar o consumo de energia, facilitando a adoção de fontes renováveis. A **substituição de combustíveis fósseis por energias limpas**, como solar, é outro passo fundamental para **minimizar a pegada de carbono e aumentar a previsibilidade dos custos energéticos**. Paralelamente, a **eletrificação de processos produtivos** torna a produção mais eficiente e sustentável, especialmente quando associada a fontes renováveis. A **incorporação de tecnologias de baixo carbono**, como fornos a hidrogénio ou captura de CO₂, moderniza a indústria e melhora o cumprimento das regulamentações ambientais.

A **digitalização e a automação** também desempenham um papel essencial, permitindo uma monitorização contínua dos consumos energéticos e identificando oportunidades de otimização em tempo real. A combinação destas medidas traz inúmeros benefícios para o setor, desde a redução de custos operacionais e o aumento da competitividade até ao acesso a financiamento verde e à antecipação das exigências regulatórias. Além disso, reforça a sustentabilidade do setor, melhorando a sua imagem e criando novas oportunidades de inovação. A descarbonização não é apenas um desafio ambiental, mas uma oportunidade estratégica para tornar a indústria mais eficiente, resiliente e preparada para o futuro.

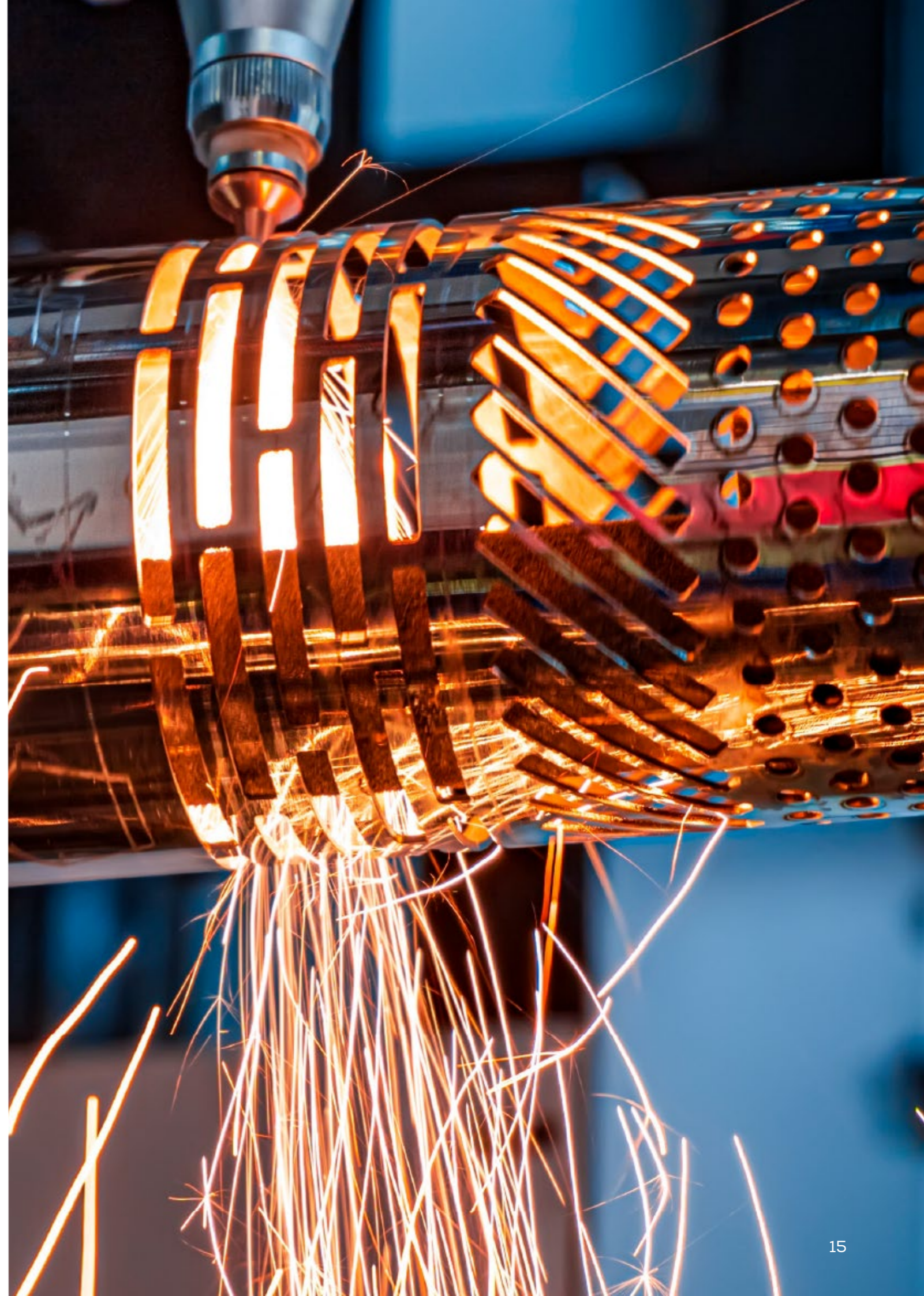
Um caminho importante para a **competitividade internacional da indústria Portuguesa**

Se Portugal avançar com a descarbonização do setor metalúrgico e metalomecânico, poderá conquistar vantagens competitivas no mercado global. A crescente exigência por produtos sustentáveis, aliada às metas ambientais da União Europeia, torna a redução da pegada de carbono um fator determinante para a competitividade das exportações. Empresas que façam este caminho, não só reduzem custos operacionais, como também se posicionam à frente da concorrência no acesso a mercados que privilegiam cadeias de valor sustentáveis.

Além disso, com a implementação do Mecanismo de Ajuste Carbónico Fronteiriço (CBAM) da União Europeia, que penaliza importações de países com altas emissões, as indústrias portuguesas podem diferenciar-se e reforçar a sua presença em mercados internacionais.

A antecipação das exigências regulatórias e o alinhamento com as práticas ESG (Ambiental, Social e Governança) também facilitam o acesso a financiamento verde e a parcerias estratégicas.

A aposta na descarbonização permite ainda agregar valor aos produtos exportados, tornando-os mais atrativos para setores que exigem padrões ambientais rigorosos, como a indústria automóvel, aeronáutica e construção sustentável. Ao tornar-se um líder na transição energética, Portugal não só fortalece a sua posição no setor, como garante um crescimento mais sustentável e resiliente a longo prazo.



A equipa

CONTEÚDOS



Madalena Perestrelo de Oliveira
Consultora Sénior
PLMJ



Inês dos Santos Costa
Associate Partner |
Sustainability
Deloitte



João Pedro Guerra
Diretor de Marketing
e Comunicação
Helexia Portugal

DESIGN



Catarina Padrão
Senior Designer
Helexia Portugal



Telma Ferreira
Communication Designer
Helexia Portugal

DIREÇÃO EDITORIAL



Alexandra Ferreira
Head of Branding
and Communication
PLMJ



Rita Monteiro Simões
Sustainable and Climate
Marketing Strategy
Deloitte



Tânia Marques
Sustainability & Climate
Marketing Manager
Deloitte



Igor Carvalho
Head of Marketing
Deloitte

MEDIA PARTNER



Conteúdos

Nota editorial

João Pedro Guerra | Diretor de Marketing e Comunicação - Helexia Portugal
Alexandra Ferreira | Head of Branding and Communication - PLMJ
Rita Monteiro Simões | Sustainable and Climate Marketing Strategy - Deloitte
Tânia Marques | Sustainable and Climate Marketing Manager - Deloitte
Igor Carvalho | Head of Marketing Manager - Deloitte

Como está o setor metalúrgico em Portugal

João Pedro Guerra | Diretor de Marketing e Comunicação - Helexia Portugal

A ameaça das tarifas

João Pedro Guerra | Diretor de Marketing e Comunicação - Helexia Portugal

Taxonomia: leveling the playing field

Madalena Perestrelo de Oliveira | Consultora Sénior - PLMJ

O Gigante adormecido

Inês dos Santos Costa | Associate Partner - Sustainability - Deloitte

Descarbonização na indústria metalúrgica

João Pedro Guerra | Diretor de Marketing e Comunicação - Helexia Portugal

Helexia Deloitte. PLMJ

Visite-nos em
www.helexia.pt

Visite-nos em
www2.deloitte.com

Visite-nos em
www.plmj.com

MEDIA PARTNER

